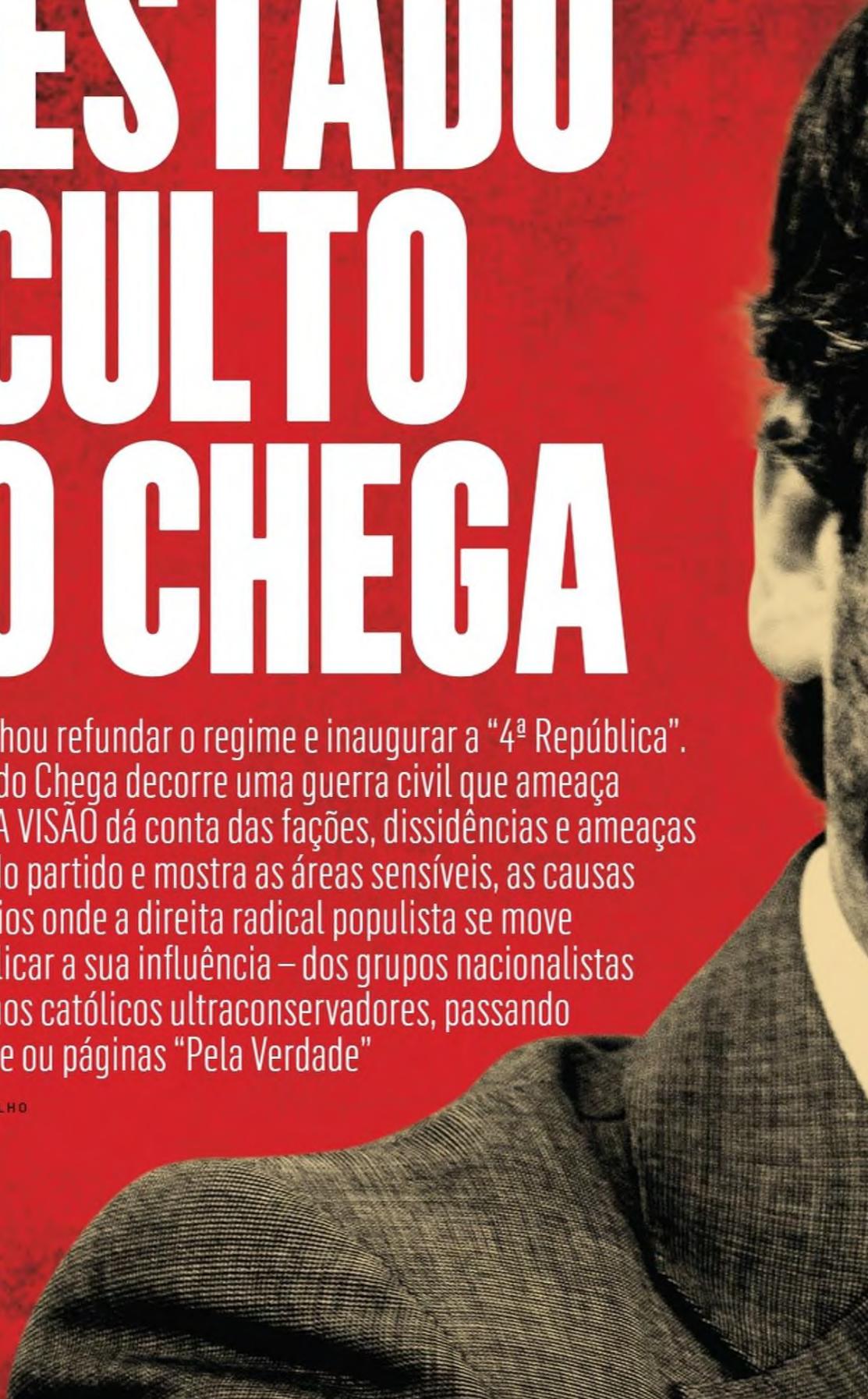


O ESTADO OCULTO DO CHEGA

Ventura sonhou refundar o regime e inaugurar a “4ª República”. Mas dentro do Chega decorre uma guerra civil que ameaça implodi-lo. A VISÃO dá conta das fações, dissidências e ameaças no interior do partido e mostra as áreas sensíveis, as causas e os territórios onde a direita radical populista se move para multiplicar a sua influência – dos grupos nacionalistas e fascistas aos católicos ultraconservadores, passando por D. Duarte ou páginas “Pela Verdade”

 MIGUEL CARVALHO





A

Ameaças de morte. Queixas na polícia. Desacatos. Escutas. Demissões em massa. Promessas de ajustes de contas. E, quase sempre, o líder como alvo ou arremesso, qual Messias caído em desgraça. Eis o Chega como nunca o víramos.

A última coisa a que um pirómano político deseja assistir é à sua própria casa a arder. Deputado há pouco mais de um ano, André Ventura “incendiou” o Parlamento, os debates, os noticiários, as redes sociais, as ruas e as tertúlias de café. Mas, enquanto se entretinha a largar labaredas pelo País e a subir nas sondagens, esqueceu-se do seu partido ao lume.

Com currículo militar e na segurança privada, Samuel Martins conheceu bem as entranhas e ramificações do Chega. Seguiu o Movimento Zero, dinamizado nas redes sociais sem rosto visível, e o protesto que juntou efetivos da PSP e da GNR em frente ao Parlamento, em novembro de 2019, ao qual Ventura se juntou, num gesto polémico. “O movimento nasceu à margem do Chega, mas, aos poucos, o André viu ali o seu minixército”, conta o ex-dirigente da distrital de Leiria. Agora perdeu força, entrou em “reflexão” e criou distâncias com o partido, mas Samuel Martins, que fez segurança em eventos desta força política, atualiza receios: “O Chega ainda atrai o descontentamento e ressentimento



O “guardião”
O presidente da Cruz Vermelha da Amadora nas reuniões do Chega. Armando Baptista é assessor de segurança do partido e de André Ventura

de elementos dos corpos de segurança, dos setores militares, da vigilância privada e arrasta ex-militares com experiência de combate e guerrilha.” Por isso, avisa: “Ainda não percebi se o Chega quer a 4ª República ou o 4º Reich, mas espero bem que o André nunca alcance o poder. Ele rodeia-se de gente com uma fé cega, mas ainda não tem os meios. No dia em que os tiver, acordamos em ditadura.”

O Chega vive por estes dias um prematuro e improvável clima de guerra civil. No ar, anda um cheiro antecipado a enxofre e finados. De norte a sul, destampam-se traços de um submundo da política que o seu líder jurara combater, sem saber que, afinal, tinha tudo à vista no seu próprio quintal. E, no entanto, há quem esteja no partido e permaneça quase clandestino...

O “GUARDIÃO” DE VENTURA

“Está a dizer-me que fui candidato do Chega em Lisboa?! Eu, Armando Hermínio Proença Baptista?! Deve

haver algum equívoco...” O comandante da delegação da Cruz Vermelha na Amadora “ausenta-se” por segundos da conversa telefónica como se quisesse rebobinar à pressa um filme esquecido. “Não tenho memória disso, sinceramente”, retoma. “Quem me falou por alto para dar o nome foi o [dirigente nacional] José Dias, pois precisava de gente para encher a lista em Castelo Branco. Disse-lhe que não queria, nem tinha vocação e até podia causar-me problemas por causa das minhas funções. Pensei que o assunto tivesse ficado esquecido...”

Armando Baptista, 50 anos, entrou em 20º lugar nas listas do Chega às legislativas do ano passado e logo na mais importante de todas: a que foi encabeçada por André Ventura em Lisboa e lhe garantiu o lugar de deputado. Nos documentos entregues no tribunal, Armando surge como professor. De facto, foi dançarino profissional e dá aulas de dança de salão. Uma reportagem da TVI (2016) destacou os seus propalados méri-



7,5%

SEMPRE A SUBIR

O Chega tem alcançado percentagens promissoras nas sondagens eleitorais. A última, da Aximage, para o DN e a TSF, coloca o partido de André Ventura em 4º lugar, atrás do BE

tos no derrube de preconceitos, do chá-chá-chá dos salões ao quartel de bombeiros. “Vamos lá ver se o comandante não é gay”, cochicharam, na versão do próprio, elementos da corporação da Azambuja quando conheceram o novo chefe.

Mestre em Ciências Policiais e Gestão de Segurança pelo Instituto Superior de Ciências Políticas e Segurança Interna (ISCPSP), Armando Baptista coordenou, pela Cruz Vermelha, a Plataforma de Emergência da Área Metropolitana para realojar famílias alargadas, migrantes e refugiados. Entre 17 de abril e 1 de julho, a Pousada da Juventude transformou-se em centro de acolhimento numa tentativa de estancar contágios por Covid-19. “Tivemos picos de 300 pessoas e rácios superiores a 40 por dia. Vivi ali três meses. Foi feito um esforço hercúleo para resolver os problemas e a missão foi um sucesso”, descreve.

Tendo conta a sua atividade, Armando Baptista não ignora que o Chega é o elefante na sala: o partido pelo qual se candidatou é anti-imigração. Defende a criminalização e deportação de imigrantes ilegais e promove petições contra o Pacto de Migração e Asilo da Comissão Europeia. “Não sou racista nem xenófobo”, atalha. “Caso contrário, não podia estar ao serviço da Cruz Vermelha.”

A relação de Armando Baptista com o Chega não se resume, porém, à tal candidatura que apagou da memória: na verdade, é assessor de segurança do partido e do próprio presidente, André Ventura. Planos de contingência sobre deslocamentos, alojamento e organização de eventos, incluindo manifestações, comícios, visitas ou atos eleitorais internos, passam pelo seu crivo. “Sou o oficial de ligação do partido às forças e aos serviços de segurança e socorro”, conforme atesta a declaração oficial assinada pelo líder do Chega que ele costuma exibir junto das autoridades.

Embora o documento tenha data de 1 de outubro de 2020, a colaboração vem de longe. Convidado por um quadro da PSP que não podia assumir essas funções no Chega, cuja identidade não revela, Armando Baptista assumiu o cargo “ainda antes das legislativas”. Trabalho “não remunerado”, esclarece. “Quero ganhar currículo e experiência. Podia fazê-lo para António Costa, Rui Rio ou até mesmo para o Patriarcado de Lisboa.”

CHEGA À LUPA: AS FAÇÕES E AS FRANJAS

Várias alas convivem – e confrontam-se – no interior do partido

FAÇÃO POLÍTICO-IDEOLÓGICA

Ex-PSD e CDS liberais; “viúvos do neoliberalismo”; intelectuais de extrema-direita; grupos nacionalistas e fascistas (Nova Ordem Social, o Escudo Identitário, ou o grupo neonazi Blood & Honour).



Diogo Pacheco de Amorim

FAÇÃO RELIGIOSA

Pastores e fiéis evangélicos, em particular da Igreja Maná, mas também da IURD; Católicos conservadores e ultraconservadores; Democratas-cristãos do antigo Partido Pró-Vida, força política que se fundiu com o Chega.



Lucinda Ribeiro

FRANJA DE DESCONTENTES

Gente mais ou menos politizada; recentes ex-militantes ou votantes do PSD e do CDS e, não excluindo os anteriores, também “oportunistas e carreiristas de várias ordens”.



José Lourenço

O ENCONTRO COM D. DUARTE E AS TENTATIVAS DE CHEGAR A BOLSONARO E A SALVINI

Ventura tirou fotos com Salvini e recorreu à nobreza e à realeza para chegar a Bolsonaro. Apesar dos bons ofícios do deputado italo-brasileiro da Liga Norte, o Chega ainda não levanta voo na cena internacional

Se dependesse de Ventura, o líder italiano da Liga Norte teria aterrado em Portugal em novembro e ele rumado a Brasília no início deste mês. Estava anunciado e detalhado. Mas nem Salvini veio, nem Bolsonaro foi hipótese. Impossibilitado de fazer a ponte entre as direitas radicais das repúblicas de Portugal e do Brasil, o líder do Chega envolveu a realeza. E o peso da História.

A 4 de setembro, o deputado foi recebido na residência oficial do duque de Bragança, em Sintra, a pedido de Diogo Pacheco de Amorim. O vice-presidente do Chega e D. Duarte são amigos de longa data.

Da conversa transpirou o que o *Expresso* contou na altura: Ventura teria solicitado ao pretendente ao trono ajuda e contactos na promoção internacional do partido, sobretudo junto de Bolsonaro, da qual a dinastia de Orléans é apoiante. Na ocasião, o presidente do Chega causou "boa impressão" e pareceu "bem preparado". Mas fonte oficial da Casa Real resume o encontro a uma mera apresentação de cumprimentos, na qual se abordaram temas da atualidade nacional. "O duque de Bragança não se envolve em questões políticas partidárias nem proporciona encontros políticos."

De facto, do lado de lá do oceano, o deputado federal Luiz Philippe não recebeu telefonemas do primo Duarte, mesmo sabendo-se que chegou a ser cogitado para "vice" de Bolsonaro. "Não estou sabendo nada do que se passa em Portugal, nem no campo económico nem no campo



Lorenzato O deputado italo-brasileiro da Liga Norte, produtor de vinho e devoto de Fátima, apresentou Ventura a Salvini. Agora só falta fazer a ponte para a família Bolsonaro



Na Festa de Reis a troca de presentes Luis Roberto di San Marino Lorenzato di Ivrea com o espumante Príncipe di Ivrea e Dom Duarte Duque de Braganca com o Vinho Conde de Ourem #portugaler #brasilas

político. Não sei sequer o que é o Chega", admitiu à VISÃO, amável, o fiel bolsonarista. Defensor de uma frente de direita internacional liderada pelo Brasil enquanto "contraponto ao movimento globalista e socialista que subjuga os países", o descendente da família imperial confia no impulso do Brasil para inverter a situação. "Para

vocês é que é difícil, né? Sem apoio internacional vocês estão ferrados. É só a União Europeia dar uma chocalhada e Portugal deixa de existir...”, ironiza. Se Ventura pede ajuda a D. Duarte e os primos não falam sobre Ventura, sobram os bons ofícios do nobre Luís Roberto Lorenzato, deputado italo-brasileiro da Liga Norte, com quem o líder do Chega se cruzou aquando da audiência em Sintra. Lorenzato é amigo do pretendente ao torno e delegado da Fundação Histórico-Cultural Oureana, promotora das devoções marianas e presidida pelo amigo Carlos Evaristo, cônsul honorário do Brasil em Fátima. Em julho, Lorenzato visitou o Parlamento e tirou fotos com Ventura. Dois meses depois, articulou o encontro entre o deputado nacionalista e populista Matteo Salvini, em Florença. Mais fotos. Os elogios mútuos e as promessas de defesa de uma Europa “ao lado dos que trabalham e pagam impostos” geraram uma partilha de Eduardo Bolsonaro nas redes, dirigida ao deputado português. E expectativas. “Se vier ao Brasil certamente será bem-vindo. Já estudei em Coimbra e fui muito bem acolhido pelos irmãos portugueses, será uma satisfação retribuir”, tuitou o Presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados, filho mais novo do Presidente do Brasil e desconhecedor de quem possa ter sido Henry Kissinger, conforme admitiu numa entrevista à *Piçui*. Sem Salvini ou Bolsonaro na agenda, a direção do Chega confia nos bons ofícios do deputado italo-brasileiro da Liga Norte. De facto, Lorenzato é crente, amigo do líder do Chega, e até já foi condecorado pelo Presidente do Brasil. Mas ainda não faz milagres. Nem sequer em Ituverava (Ribeirão Preto), onde enraizou a sua fazenda e produção vinícola. Em março, o executivo municipal aprovou uma moção de repúdio e censura ao deputado, acusando-o de divulgar uma gravação nas redes sociais na qual dá a entender que a população, excetuando a elite, não tem noções de higiene e é desprovida de cultura.



Fiéis? Num partido em que as traições, os ataques e as ameaças se multiplicam, com quem pode efetivamente contar André Ventura?

O assessor especializou-se na proteção de individualidades e tes-temunhas. Coordenou a segurança de provas desportivas e de uma visita papal. No Brasil, participou em formações e palestras com forças policiais. Nas redes sociais, segue o delegado do Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos da Polícia Civil, Mário Palumbo Júnior, apoiante de Bolsonaro, defensor do endurecimento das leis penais e ve-reador da chamada “bancada da bala” na Câmara de São Paulo.

Quando é chamado às reuniões de direção, o “guardião do André”, como é conhecido, prima pela discricção e poucas palavras. Se tem algo a dizer, não manda recados. “Já criticou o amadorismo de algumas ações”, revela quem lidou com ele no terreno. Há um ano, apontou falhas graves na proteção de Ventura durante uma visita ao Mosteiro de Alcobaça. “Havia

uns cinco gorilas no terreno, a vigiar, mas o André perdeu-se da mulher por momentos e ele não gostou.” Por essa altura, Armando estava em alerta máximo com as ameaças diárias ao líder, sobretudo anónimas, na sequência das suas posições mais extremadas em relação a certas etnias e credos. “Levamos isso muito a sério e expliquei com o que estávamos a lidar. Seguiu tudo para o Ministério Público.”

A 3 de setembro, porém, Armando Baptista sentiu o chão a tremer. Tudo por causa da foto publicada nesse dia na página oficial de Ventura no Facebook: “Última reunião desta direção nacional antes das eleições do próximo sábado”, lia-se, tendo por referência o sufrágio interno para os órgãos do partido. Na imagem, além do líder, aparecem Diogo Pacheco de Amorim, Nuno Afonso, Ricardo Regalla, Patrícia Sousa Uva (que, entretanto, se demitiu), Cristina Vieira (à época porta-voz para a violência doméstica) e... Armando Baptista. “Essa foto criou-me imensos problemas”, assume. A Cruz Vermelha repreendeu-o: “Tive de dar explicações, mas só fui à reunião porque o André me pediu para falar de assuntos relacionados com a convenção de Évora e era preciso preparar um plano de contingência...”

QUEM SÃO OS AMIGOS NAS POLÍCIAS
Armando Baptista fala dos seus serviços *pro bono* ao Chega sem sobresaltos. Mas a rede de influência do partido nos setores militares, policiais

“O ANDRÉ AINDA NÃO TEM MEIOS. NO DIA EM QUE OS TIVER, ACORDAMOS EM DITADURA”, DIZ SAMUEL MARTINS, EX-DIRIGENTE DE LEIRIA

e de segurança é mais vasta. Exemplos: o dirigente nacional José Dias lidera o Sindicato do Pessoal Técnico da PSP, enquanto Guilherme Serra, da distrital de Castelo Branco, pertence à direção do Sindicato Independente do Corpo de Guarda Prisional.

Luís Pedroso, presidente da mesa distrital do Chega em Santarém, sucedeu a Peixoto Rodrigues, candidato da coligação Basta nas europeias do ano passado, na chefia do Sindicato Unificado de Polícia. A entidade sindical apoiou os oito agentes da PSP da esquadra de Alfragide condenados por sequestro, ofensa à integridade física qualificada, falsificação de documento, injúria e denúncia caluniosa contra jovens da Cova da Moura, em 2015.

Nas estruturas locais, há influentes dirigentes oriundos dos setores militares, como é o caso do antigo tenente-coronel Pedro Calheiros, da GNR, número dois da distrital de Viseu. As simpatias estendem-se a outras áreas: Vítor Silva, presidente da Associação Portuguesa de Criminologia, antigo sargento do Exército e da diretoria do norte da PJ, com formação nas áreas de explosivos, demolições, minas e armadilhas, vigilância e contravigilância, apoiou José Lourenço à liderança da distrital do Chega no Porto. No conselho consultivo da associação está César do Paço, ex-cônsul honorário em Palm Coast, na Flórida (EUA) e presidente da Fundação DePaço, cuja proximidade ao partido gera controvérsia. Há meses, a VISÃO revelou o apoio de José Maria Bravo ao Chega. O empresário é dos maiores fornecedores de armamento ao Estado.

Coordenador de segurança de iniciativas do Chega, entre elas o megajantar de Portalegre no qual Ventura se “lançou” para Belém, Bento Martins evitou que a proteção ao líder fosse, a dada altura, infiltrada por ex-membros do PNR (rebatizado Ergue-te) e extremistas da Nova Ordem Social (NOS) habituados a treinos paramilitares na Ucrânia. Enquanto pôde, afastou “a esterqueira neonazi” que rondava as ações do partido com a cumplicidade de dirigentes nacionais.

A dada altura, o deputado tornou-se, ele próprio, pouco recomendável à vista. “Abracei o projeto por causa da pessoa, mas o Chega é uma pandilha. Ao André já não lhe interessa pessoas com os olhos abertos”, assume o ex-GNR, curtido nas zaragatas do PREC e dos tempos da AD. Com



Assim, pela prática dos factos expostos, incorreram os arguidos **Arlindo Fernandes e Vítor Hugo da Silva Fernandes**, em co-autoria material, sob a forma consumada, e em concurso real ou efectivo, na prática de:

- **um crime de burla qualificada**, p. e p. pelos artigos 217.º, n.º 1 e 218.º, n.ºs 1 e 2, al. a), ambos do Código Penal, por referência ao disposto no artigo 202.º, al. b), do referido diploma legal;
- **um crime falsificação de documento**, p. e p., pelo artigo 256.º, n.º 1, al. f), do Código Penal; e
- **um crime de branqueamento**, p. e p. pelo artigo 368.º-A, n.ºs 1, 2 e 3, do Código Penal.

Arguido Ventura foi aconselhado a não se encontrar com o empresário Arlindo Fernandes (à esquerda), acusado de branqueamento de capitais

Bento Martins abandonaram a distrital de Setúbal e o partido mais quatro dirigentes.

CHEGA, O CAVALO DE TROIA

Embora minado por desavenças internas, o Chega atraiu o que andava disperso à direita e atou “uma história cheia de divisões e dissidências, quintais e quintinhas, grupos e grupelhos”, assinala Alexandre Carvalho, investigador associado do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, onde coordena o tema Populismo e Masculinidades Extremas, no âmbito do projeto Decode/M.

O cientista político centra o seu estudo no partido de André Ventura e divide-o em duas fações e uma franja. A fação “político-ideológica” inclui ex-PSD e CDS liberais e “viúvos do

neoliberalismo”, cuja melhor encarnação, crê, foi o governo de Passos Coelho. A esses agrega “setores mais próximos de intelectuais declaradamente de extrema-direita como Diogo Pacheco de Amorim ou Jaime Nogueira Pinto, e uma série de elementos de grupos de extrema-direita nacionalista e fascista, como a Nova Ordem Social, o Escudo Identitário, ou o grupo neonazi Blood & Honour”.

A fação religiosa junta “pastores e fiéis evangélicos, em particular da Igreja Maná, mas também da IURD, católicos conservadores e ultraconservadores”. A eles também acode Manuel Matias, líder dos democratas-cristãos do antigo Partido Pró-Vida, força política que se fundiu com o Chega.

Por fim, surge “a grande franja de ‘descontentes’: gente mais ou menos politizada, recentes ex-militantes ou votantes do PSD e do CDS e, não excluindo os anteriores, também oportunistas e carreiristas de vária ordem”, assinala Alexandre Carvalho. Muitos destes grupos já rondavam o *mains-tream* partidário há décadas. Mas agora, refere o investigador do CES,

“TIQUES DITATORIAIS”, DIZEM OS DISSIDENTES

Durante “muito tempo”, Rodrigo Freire, ex-líder da distrital de Leiria, acreditou que o Chega era diferente, antissistema. Depois percebeu que o partido, afinal, é uma “fachada” para “manter as galinhas calmas na capoeira, enquanto as raposas preparam a cozinha”. Vai daí, demitiu-se. A responsabilidade de André Ventura no atual estado “é total e exclusiva. Total, repito”, garante à VISÃO. “Permite tudo e ele próprio faz joguinhos de bastidores, dando força e encorajamento a todos no sentido de alimentar uma 3ª República podre e repleta de vícios.” Acusando o atual líder de trocar lealdades por quem tem “agenda própria”, o ex-dirigente considera que “os tais tiques ditatoriais estão bem patentes em todos os procedimentos internos”. Samuel Martins, ex-presidente da mesa da distrital de Leiria, também saiu, mas sem prescindir de um ato simbólico: tesourou o cartão de militante em pedaços e publicou o vídeo no Facebook. Com experiência militar e trabalhos na segurança privada, ainda foi “guarda-costas” de Ventura num jantar em Leiria, em agosto, mas acumulou desilusões. A convenção foi a gota de água. “Antes do Chega já eu era Chega, mas descobri, infelizmente tarde, que o partido é igual ou pior do que os partidos que diz combater. O André é ventríloquo dos interesses na sombra. Quem tem mais dinheiro manda, é abraçado e vai sendo integrado na equipa”, acusa, censurando os métodos internos: “Não sou racista, nem xenófobo, aderi para mudar o meu país e foi a primeira vez que votei. Pensava que o Chega não se vendia e era anticorrupção, mas tem os mesmo vícios e fraudes dos partidos do sistema. E eu não troco um tirano por outro, seja de esquerda ou de direita.”



Críticas Rodrigo Freire (ao meio) responsabiliza o líder por tudo

olham para o Chega enquanto Cavalo de Troia do regime, visando derrubá-lo para “legitimar as suas agendas e a própria reconfiguração da direita”. Resta saber se “o delicado equilíbrio interno permite manter a união”.

Se, no passado recente, o projeto de Ventura unia cristãos e evangélicos na promessa da chegada de Deus ao poder, as recentes eleições na distrital de Braga também abriram uma brecha nessa muralha: as candidaturas de Rúben Milhão, pastor da Igreja Missionária Evangélica de Braga, filiada na Aliança Evangélica Portuguesa, e Filipe Melo, “católico, apostólico e romano”, estalaram o verniz e ninguém deu a outra face. Filipe ganhou e Rúben nem foi a votos, em protesto pelos ataques à dirigente e candidata Cibelli Pinheiro. “Não vai ser uma brasileira que vai mandar nos destinos de um partido nacionalista”, ameaçara, nas redes sociais, o agora presidente. E cumpriu.

Do outro lado desta contenda estiveram dirigentes da Associação Família Conservadora, em que setores evangélicos e ultracatólicos da cruzada contra “a ideologia de género” e o “marxismo cultural” estão bem representados: Manuel Matias, assessor parlamentar de Ventura, preside à assembleia geral, e Maria Helena Costa, “investigadora na área das religiões e das seitas”, lidera.

Em 2018, Maria Helena Costa andava em sessões do PNR a diabolizar “a agenda totalitária” da esquerda na companhia do líder do partido, José Pinto Coelho, e de João Martins, condenado a 17 anos de prisão pelo homicídio do cabo-verdiano Alcindo Monteiro e apologista do “Fascismo do Terceiro Milénio”.

Agora, no Chega, a agenda não mudou: um dos exemplos do aconselhamento online dado pela associação

a que preside compara o desejo sexual masculino, a pedofilia e a homossexualidade aos atos dos “malfeitores” das Escrituras. “O facto de [os homossexuais] serem geneticamente inclinados a fazerem coisas imorais não os torna certos.” Enquanto isso, no Entroncamento, o “irmão” Pedro Correia, evangélico do movimento Kairos e candidato à mesa distrital do Chega-Santarém, anda preocupado com o acolhimento, por parte do município, a “600 migrantes de 43 nacionalidades”. E pergunta: “Senhor presidente, quer tornar o Entroncamento o Bangladesh do Ribatejo?”

Sem disfarçar as brechas, a convenção de setembro do Chega assegurou o equilíbrio das fações religiosas. E o toque a reunir por um bem maior. As evangélicas Lucinda Ribeiro, Ana Vitória Ferreira e Elisa Carvalho integram a direção e o vice-presidente, Diogo Pacheco de Amorim, ligado ao movimento Comunhão e Libertação, surge à cabeça dos católicos ultraconservadores. Politicamente poderoso e mais ativo na esfera pública do que a Opus Dei, o CL “privilegia o *statu quo* e o poder pragmático, mais relacionado com a economia do que com os valores políticos”, explica à VISÃO a socióloga Alberta Giorgi, do Observatório de Religião na Esfera Pública (POLICREDOS).

Em outubro, o pastor evangélico João Viegas foi convidado, “de forma indireta”, a entrar para a direção do Chega. Não se aborreceu nem espantou. Antigo membro da Igreja Maná, da qual saiu algo traumatizado, fundou o seu próprio ministério, sediado na Pontinha (Odivelas). O calo nestas andanças permite-lhe cheirar a léguas as movimentações, os recrutamentos e as obsessões dos líderes das igrejas que adoram levar a política para o altar. “É gente com muitos recursos financeiros e, no caso, olham para André Ventura como Messias político e testa de ferro dos seus interesses”, afirma, sem laivos de animosidade pessoal. Para João Viegas, o Chega “é sobretudo uma grande misturada, um catalisador de ressentimentos e desespero”, usando o “bullying político” como ideologia. “Faz lembrar aqueles rapazes com quem jogava futebol em criança: como não tinham talento, gritavam muito para nos tirarem a bola.”

Ainda assim, “pelo menos para já”, o pastor não vê “nem a grandeza nem a força” que se atribuiu ao partido,

**DIRIGENTES DO
ALGARVE ATULHARAM
AS ESQUADRAS
DE POLÍCIA DE QUEIXAS
E TROCAM-SE AMEAÇAS
DE MORTE, COM FOTOS
DE PISTOLAS E ROSAS**



LUIS BARRA

Zero O movimento ligado às polícias está em reflexão e distanciou-se de Ventura. Mas a rede de influências do partido nas forças de segurança ainda é extensa

“apesar da adesão de facções mais radicais” da Igreja. “O problema será no dia em que Ventura tiver poder concreto para expulsar ciganos ou filhos de africanos. Aí já ninguém o tira”, receia João Viegas, descrente dos homens e da política. “Eu só tenho esperança em Deus.” Ventura, curiosamente, também. “Quero todas as igrejas cristãs com o Chega. Todas. Sem medo nem preconceito”, teclou no Twitter, a 10 de agosto. “Todos os outros partidos já demonstraram que se envergonham da nossa história e da Fé do nosso povo. Nós não! Eu não! Deus no Comando!”, proclamou.

CHAMEM A POLÍCIA

André Ventura fundou o Chega para “acabar” com os “corruptos”, os “bandidos” e os negócios “escuros”. Mas agora o discurso virou-se contra ele. O partido vive um clima de guerrilha e vendeta. Hostilidades entre facções e clãs resvalaram para vigilâncias eletrónicas e telefónicas, chantagens, denúncias e vinganças. Uma parcela desse retrato está suportada, por exemplo, em conversas do vice-presidente, Nuno Afonso, e da fundadora Cristina Vieira com outros dirigentes, ocorridas em janeiro e junho, a cujo conteúdo a VISÃO teve acesso.

Aí se detalham casos antigos e atuais de perseguição e violência, a adesão de extremistas próximos do

LEI DA ROLHA

A diretiva de Ventura que manda calar os militantes e ameaça sanções

Pouco barulho

Quem, publicamente, denegrir os órgãos do partido ou lançar insinuações, é imediatamente suspenso de cargos e funções

Cuidado com a língua

Ofensas a membros ou dirigentes, seja em que contexto for, implicam a imediata suspensão de militância por um período de 30 dias

Joguem à defesa

Ataques diretos ou subtis à honra e ao bom-nome também irão resultar em sanções e suspensões de 30 dias

Não publiquem

Menosprezar ou diminuir a dignidade dos órgãos do partido na Imprensa e nas redes sociais dá também um mês de castigo

Está a ser vigiado

A vigilância ao conteúdo ofensivo contra os órgãos do partido inclui as mensagens em perfis pessoais ou de conversação interna

E pode não ficar por aqui

As sanções e suspensões podem ser prorrogadas em casos de reincidência e podem mesmo resultar em expulsões

neonazi Mário Machado ao partido e o alegado recurso a membros dos Hells Angels para resolver diferendos internos. Em breve, 89 elementos do grupo de *motards* serão julgados por associação criminosa, tráfico de droga, entre outros ilícitos.

Nesses diálogos, Cristina Vieira relata tentativas de intimidação alegadamente encomendadas por colegas de partido no contexto de um jantar da coligação Basta, nas europeias, no restaurante Austrália, em Faro, a 27 de abril de 2019, e terá ameaçado retaliar na mesma moeda. A própria confirmou à VISÃO o sucedido e a presença “de elementos ligados a um grupo conhecido e perigoso” para intimidar, mas negou ter feito ameaças no mesmo sentido. “É mentira.”

Quanto a Nuno Afonso, traçou, nessas conversas, o retrato da alegada facção nacionalista, acusando-a de promover extremistas e racistas no partido. O “vice” de Ventura autointitulou-se o obstáculo a golpes palacianos e pretensões da ala radical, embora reconheça que, numa fase inicial, o próprio líder desvalorizou a adesão de extremistas e de cadastrados envolvidos no homicídio do cabo-verdiano Alcindo Monteiro, no Bairro Alto (1995).

O chefe de gabinete alude ainda a uma frustrada tentativa de provocar um acidente de automóvel a André Ventura, retaliação que relaciona com a expulsão

“PELA VERDADE” E PRÓXIMO DO CHEGA

A história de Alfredo Rodrigues, promotor da página “Médicos pela Verdade”, admirador do Chega e com um passado de esquemas... em pirâmide

O longo braço do Chega está presente na multiplicação de movimentos “pela verdade” que se plantaram no Facebook e aí cresceram como cogumelos. O partido, os seus membros e simpatizantes contaminam e partilham páginas de alegados jornalistas, juristas, enfermeiros e professores “pela verdade”, todos com milhares de seguidores, reais ou fictícios, por vezes terçando armas pelo negacionismo ou alimentando outras conspirações.

A VISÃO passou uns dias na morada virtual dos “Médicos pela Verdade”, com quase 43 mil seguidores. A ideia, neste caso, ter-se-á iniciado na melhor das intenções: reunir profissionais de saúde preocupados com os doentes e a saúde das crianças, dos jovens e dos mais velhos em tempo de pandemia. Mas cedo se percebeu que a “casa” montada no Facebook não tinha seguro contra “infiltrações”.

A coordenação informática dos “Médicos pela Verdade” é feita pelo publicitário Alfredo Rodrigues. É essa a sua versão. Mas a verdade tem mais que se lhe diga: de acordo com o relato de membros do grupo que dele se distanciaram, Alfredo destaca-se pelo carácter conflituoso, agressivo e persecutório.

Foi a partir de entrevistas aos principais rostos do movimento, com o médico Gabriel Branco em destaque, que Alfredo sugeriu a criação do grupo e assumiu o papel de “comandante das tropas” nas redes sociais, arrebanhando os médicos que iam sendo sugeridos. Adiantou o dinheiro para pagar a sala no Hotel Altis, em Lisboa, para a primeira



Elogios O publicitário Alfredo Rodrigues leu o programa do Chega e diz que só teve um gozo tão grande com o clássico *Utopia*, de Thomas More

ALFREDO RODRIGUES, PROMOTOR DA PÁGINA “MÉDICOS PELA VERDADE”, COMPAROU AS PROPOSTAS DO CHEGA COM “UM VERDADEIRO TRATADO FILOSÓFICO”

conferência, a 29 de agosto, e contou com a mobilização de outros ativistas de fresca data, ligados ao grupo Verdade Inconveniente. Ele desmente, mas metade dos 2 105 euros do aluguer da sala foram liquidados pela associação congénere espanhola, “Médicos por la Verdad”, cuja porta-voz, Natalia Prego, tem sido descredibilizada pela postura negacionista que assumiu em relação ao novo coronavírus. Alfredo tentou ainda convencer o fundador Gabriel Branco a dar entrevistas ao canal digital do negacionista João Tilly, líder distrital do Chega em Viseu, e ao *Notícias Viriato*, de tendência nacionalista de direita, mas o médico recusou politizar o grupo. Aos Médicos pela Verdade juntaram-se a anestesiológica Maria de Oliveira e José Manuel Castro, advogado do neonazi dos Hammerskins e da NOS Mário Machado, que ofereceu os seus serviços *pro bono*. Mandatado pelo também advogado do night club Elefante Branco, Alfredo promoveu, nas “redes”, uma recolha de fundos destinada a organizar uma “ação popular” contra as medidas do Governo, a 50

euros por cabeça.

Durante anos, o “gestor” informático dos Médicos pela Verdade representou em Portugal a sociedade Zeek Rewards, na verdade um esquema em pirâmide online que defraudou um milhão de pessoas nos EUA e noutros países com promessas de rendimentos avultados. Paul Burks, o mentor daquela que é considerada uma das maiores burlas de sempre (superior a 900 milhões de dólares), foi condenado a mais de 14 anos de prisão em 2017, mas Alfredo Rodrigues sempre defendeu a empresa nos fóruns e páginas de investidores que, anos antes da derrocada, já se queixavam ou alertavam para os indícios de fraude. Sobre isto, o visado não fala: são assuntos da sua “área privada”, alega.

Inflamado propagandista da página queroemigrar.com no Facebook, emitida a partir de Bruxelas e com mais de 54 mil seguidores, Alfredo é um guru do “desenvolvimento pessoal” e do marketing multinível. Tanto promove sessões de “apoio holístico” como comenta o programa do Chega, do qual nega ser militante, sem disfarçar afinidades. “Um partido que pensa em nós, que estamos longe de Portugal, finalmente”, saudou, quando Ventura lançou o projeto político. Alfredo até já comparou as propostas do Chega com “um verdadeiro tratado filosófico (...) Só me lembro de ter tido um gozo tão grande quando li a *Utopia*, de Thomas More”, admitiu. A sua filosofia é simples: se Ventura “mete os pés”, ele critica. “Quando diz coisas que fazem sentido, eu apoio.” A segunda acontece mais vezes.

de dirigentes oriundos de movimentos radicais. Nem o deputado nem o seu chefe de gabinete responderam aos contactos e às perguntas da VISÃO.

O Algarve é o exemplo de que o Chega se tornou caso de polícia. Na sequência da suspensão do líder distrital de Faro, Jorge Jesus, por imposição de Ventura, mais de meia centena de dirigentes e militantes abandonou o partido e alguns apresentaram queixas na PJ, PSP e GNR. Manuel Merceano, vice-presidente da concelhia de Albufeira, é um deles. Acusa a direção nacional de patrocinar e apoiar “gentalha, escumalha, gente da pior espécie” e ignorar “ameaças de morte” oriundas de uma “fação criminosa” do partido. Também João Ferreira, dirigente em Portimão, confirmou à VISÃO a entrega, na polícia, de documentos e nomes de testemunhas que alegadamente suportam agressões e ameaças típicas da “máfia siciliana” de que terá sido alvo por parte do empresário Arlindo Fernandes e de Jaime Pinto, um dos célebres irmãos Pinto do bloqueio da ponte 25 de Abril no final do cavaquismo, condenado por tráfico de droga e casado com Sandra Ribeiro, vice-presidente da distrital de Faro.

Na origem do diferendo estará o facto de João Ferreira e outros dirigentes terem, no verão, alertado Ventura, por sms e de viva voz, em plena convenção de Évora, para as “más companhias”, no caso Arlindo Fernandes. Admirador de Salazar e ferrenho do Chega, o empresário, ex-dirigente e breve deputado do CDS, foi acusado pelo Ministério Público, em agosto de 2019, de burla qualificada, falsificação de documento e branqueamento de capitais em negócios imobiliários, conforme despacho que a VISÃO consultou. Ventura já estaria informado dessa decisão judicial quando, após a *rentrée* do partido no Algarve, a 26 de agosto, participou numa sardinhada com outros dirigentes na Quinta das Nespereiras, em Odiáxere (Lagos), propriedade de Arlindo Fernandes. A convite do empresário, também o “velho amigo” de 40 anos e vice-presidente do Chega, Diogo Pacheco de Amorim, passou férias naquela moradia de luxo.

De acordo com dirigentes demissionários e o conteúdo de mensagens trocadas nas redes sociais, Arlindo terá, a pedido do “chefe” Ventura, provocado a queda da distrital de Faro e ajudado a promover a atual direção interina. “Só me rio!”, graceja, ao telemóvel,



DEMISSIONÁRIA

“A minha vida familiar está caótica à conta do Chega e agora querem destruir a minha imagem. Deixá-los serem maus. Eu vou continuar o meu silêncio público, não falo e não atendo telefones desconhecidos.” O desabafo de Patrícia Sousa Uva está expresso numa mensagem enviada aos amigos e reflete o ambiente que se vive no Chega. A dirigente nacional apresentou a sua demissão do cargo e de mandatária de Ventura nas presidenciais, na sequência de enxovalhos de que foi alvo por parte da distrital do Porto e por discordar da “lei da rolha” anunciada por André Ventura para silenciar os críticos.



num intervalo da safra da azeitona em Aguiar da Beira, terra natal. “Sou apenas militante de base, mas, perante isto, começa a dar-me vontade de assumir um papel de peso.” Arlindo não desmente as ameaças – “prefiro o termo aviso” – nem mesmo o envio de uma fotografia com uma pistola e uma rosa a João Ferreira. “Assumo tudo aquilo que faço, mas, para mim, é para rir.” Diz estar a ser tratado “como o diabo” sem merecer. “Isto tudo começou quando o ex-presidente da distrital, Jorge Jesus, foi gravado no Hotel Vila Galé, em Évora, a enxovalhar o André e a assumir-se como um enviado de Deus para liderar o partido e governar Portugal”, assume o empresário. “São 18 minutos de puro histerismo, com coisas graves, que o Jaime Pinto e a Sandra Ribeiro ouviram. O André e o Diogo conhecem o conteúdo da gravação e o Jorge foi afastado.”

A paz no Chega parece, pois, uma miragem. “Quando o partido foi fundado, o André deixou entrar toda a gente. Mas agora é preciso limpar. Se não acabar à chapada, vai acabar, de certeza, em processos-crime, pois eu também os meti.”

FOLLOW THE MONEY?

Se pensavam que o partido já não tinha amigos, desenganam-se. Manuel de Carvalho, o “Mitterrand” de



Cônsul Manuel de Carvalho admite ajuda financeira ao Chega

houve quaisquer consequências para a saúde pública, até porque nenhum hospital ou clínica iria aceitar sangue de origem desconhecida”, explicou o então presidente do IPS, Almeida Gonçalves.

Em 2012, o empresário e a mulher foram declarados insolventes, por dívidas à banca. Entretanto, nos últimos anos, Manuel de Carvalho já voltou a ver a cor do dinheiro. E para o Chega, haverá algum? “Não se falou de apoios financeiros, mas lido com muitos investidores e, caso se proporcione, alguns poderão estar interessados em ajudar, tal como noutras ocasiões ajudaram o PSD, o PS ou CDS. Desde que seja por Portugal, está tudo bem.”

Filipe Melo, novo presidente da distrital de Braga do Chega, talvez tenha pensado em grande quando juntou Ventura e meia dúzia de industriais e empresários do distrito no restaurante Dona Júlia, em Braga, na sexta, 27 de novembro. Fora da ementa estava um tema delicado: angariação de fundos. Decorria ainda a campanha eleitoral interna, convinha manter recato e ele apelou a pezinhos de lã. Fernando Feitor, coordenador concelhio em Vila Verde, esteve presente no repasto, mas não quis falar à VISÃO. “Sobre esse assunto não digo nada”, reagiu, seco, Filipe Melo. Alguns empresários foram convidados na expectativa de contribuírem com dez mil euros para o partido. Uns terão dado bem menos, outros torceram o nariz e nem sequer lá puseram os pés. Os tempos, justificaram alguns ausentes aos amigos, não estão para grandes gastos. Ou será que Ventura já não é bom investimento? mcarvalho@visao.pt

Armamar, é todo simpatias para o Chega. Antigo deputado por Viseu e ex-vereador do CDS no concelho duriense, o cônsul honorário da Costa do Marfim no Algarve almoçou com Ventura há semanas, em Lisboa, num restaurante argentino. Diogo Pacheco de Amorim e Ricardo Regalla repetiram a dose, há dias, na capital. O empresário e consultor gaba-se de ter aberto portas a 72 empresas naquele país africano, da Mota-Engil à Bial. Candidato independente do PPM pelo Porto nas legislativas, não é de fidelidades ideológicas: para ele, “António Costa é um excelente primeiro-ministro” e o deputado do Chega “um homem que se sacrifica pelo País, pois podia estar mais confortável e a ganhar muito dinheiro”.

Dado à literatura, com obra publicada, Manuel de Carvalho insiste em fazer prova da sua intimidade com o falecido Presidente francês: “O meu primo era guarda-costas do Mário Soares e ele um dia falou de mim ao Mitterrand. Fiquei 16 anos a trabalhar nas galerias de arte da família.” Porém, nem tudo na sua vida teve um desenlace feliz. Em 2006, quis lançar um banco privado de sangue através de uma fundação com o seu nome. Alertado para a ilegalidade, o Instituto Português do Sangue recorreu à Polícia Judiciária. Felizmente, “não

Crise Os setores religiosos do Chega estão em alvoroço. Em Braga, o pastor Rúben Milhão não foi a votos e condenou ataques racistas à sua lista

ANDRÉ VENTURA É ACUSADO DE SER UM VENTRÍLOQUO DO PODER DO DINHEIRO E DOS INTERESSES NA SOMBRA